

Formar: encontros e trajetórias com professores de Ciências

[ROSA, Maria Inês Petrucci (org.). São Paulo: Escrituras,
2005. 156p.]

*Marco Antonio Leandro Barzano**

Desde as últimas décadas do século XX, a Educação e, particularmente, o ensino de Ciências vêm ampliando a discussão acerca da Formação de Professores o livro *Formar: encontros e trajetórias com professores de Ciências*, organizado pela professora Maria Inês Petrucci Rosa, contribui significativamente para que nós possamos refletir sobre as temáticas abordadas na coletânea e, quiçá, contribuir para o desdobramento de futuras pesquisas.

No ano de 2002, o grupo de pesquisa Formar-Ciências, da Faculdade de Educação da UNICAMP, comemorou seu quinto ano de existência. Para celebrar esse momento, foi realizado o IV Encontro de Formação Continuada de Professores de Ciências; esta obra reúne artigos de pesquisadores que participaram das mesas-redondas e de uma das oficinas.

No primeiro texto – que tem o mesmo título da obra – Inês Petrucci faz um breve panorama histórico do Grupo de Pesquisa Formar-Ciências, da Faculdade de Educação da UNICAMP e, como na feitura de um mosaico, apresenta-nos os artigos dos autores e autoras.

Vidros precisaram ser estilhaçados para que seus cacos pudessem participar da composição desse mosaico. O texto *A prática como SobreNome Professor*, de autoria do professor Antonio Carlos R. Amorim, é impulsionado pelo seu desejo de “olhar para diferentes apresentações da formação continuada de professores e encontrar multiplicidades que as políticas vigentes produzem pelas diferenças, em sua proliferação que repete, replica e (se) multiplica” (p. 18). A centralidade do texto está marcada pela prática docente e, procurando satisfazer seu desejo, o autor apresenta quatro cacos ou fragmentos para discussão, quais sejam:

- os descritores mais expressivos nos projetos sobre formação continuada, baseados em um artigo produzido pelo grupo

* Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (BA). barzano@uefs.br

- de trabalho Formação de Professores da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd);
- a leitura da Revista Nova Escola, de setembro de 2002;
- a escola, pois “é impossível escrever e falar sobre prática e professor sem dar uma ‘passadinha’ pela escola” (p. 22); e
- as diretrizes curriculares para a formação do professor da Educação Básica.

A partir de inquietações, fluidez, deslizes, Antonio Carlos encerra o texto sobrenomeando a prática do professor, com questões que nos incitam a refletir que essa prática, de uma maneira discursiva, torna-se um conceito transcendental.

Continuando a composição desse mosaico e baseado nos dados levantados em sua tese de doutorado e no Catálogo de Teses e Dissertações sobre o ensino de Ciências no Brasil – 1972 a 1995 (Megid Neto, 1998), o professor Ivan Amorosino do Amaral discorre, em seu texto “Tendências atuais nas pesquisas no ensino de Ciências”, acerca das finalidades e tendências pulsantes nesse campo. Com base em uma análise quanti/qualitativa do período das defesas de teses e dissertações; dos Estados da Federação e instituições em que tais defesas ocorreram; do nível escolar contemplado pelas pesquisas; das áreas de conteúdos e dos focos temáticos adotados, o autor considera que há um ponto em comum entre as finalidades e tendências: a melhoria da qualidade de ensino (p.38). Com o intuito de apontar novas perspectivas para a pesquisa e seu papel na melhoria do ensino de Ciências, o autor relata a experiência das oficinas de produção em ensino de Ciências, uma parceria entre o Grupo de Pesquisa Formar-Ciências e o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP).

O texto “A pesquisa sobre o livro didático de Ciências no Brasil”, de autoria do professor Hilário Fracalanza, traz questões como: O que realmente sabemos sobre o livro didático? O que circula na academia sobre esses recursos para o ensino? O que se sabe sobre o uso desse recurso pelos professores? Essas perguntas e o teor dos descritores que elucidam o artigo possibilitam-nos perceber a necessidade de se debruçar sobre mais pesquisas acerca dessa ferramenta tão utilizada na sala de aula de Ciências e Biologia. Baseado nas informações contidas em três diferentes fontes¹, o autor vai compondo o mosaico-texto, oferecendo ao leitor uma visão panorâmica do livro didático. Dentre algumas conclusões, duas são destacadas: a necessidade de divulgação dos conhecimentos acumulados e a realização de novas pesquisas.

1. Biblioteca Setorial da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp – acervo de pesquisas sobre o livro didático; Centro de Documentação, do Grupo de Pesquisa Formar-Ciências, da FE-Unicamp – acervo de teses e dissertações sobre ensino de Ciências; CD Rom da ANPEd.

A partir da realidade que atualmente se observa em diversas secretarias de educação de diferentes Estados e municípios do Brasil, a professora Mariley Gouveia apresenta para discussão o que ela denomina “tormento dos profissionais da educação que atuam na rede pública oficial do Estado de São Paulo” (p. 81). Em seu texto “Implementação do sistema de progressão continuada e as repercussões no ensino de Ciências”, a autora comenta o caso específico do Estado de São Paulo, trazendo para a arena de debate uma temática que considero ainda pouco explorada nas pesquisas do campo específico do ensino de Ciências: a avaliação. Distinguindo progressão continuada de promoção automática, a professora Mariley defende a primeira, argumentando que, dessa forma, a avaliação é redimensionada, pois orienta para uma nova concepção de produção de conhecimento e de aprendizagem.

Trajetória, histórico, memória, perspectivas. Palavras que encontro para exprimir o texto do professor Roberto Nardi, nomeado “A educação em Ciências, a pesquisa em ensino de Ciências e a formação de professores no Brasil”. O autor inicia o texto apresentando, como uma linha do tempo, os principais marcos que constituem a história do ensino de Ciências no Brasil. Baseando-se na legislação brasileira, debruça-se sobre a atual Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96); sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais – tanto na versão para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio –; sobre as Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores para a Educação Básica em Nível Superior no Brasil. A fim de elucidar a atualidade em que se encontra a educação em Ciências no Brasil, Roberto Nardi mostra que esse campo tem despertado, nos últimos anos, o interesse de muitos pesquisadores em diversas instituições de ensino superior brasileiras. Isso se deve, principalmente, às iniciativas dos órgãos de fomento, que apóiam os projetos de pesquisas desenvolvidos na comunidade acadêmica. Finalizando o texto, o autor apresenta um relato que trata da área de concentração em Ensino de Ciências, do programa de pós-graduação em Educação para a Ciência, na UNESP – Campus Bauru.

Compondo com os últimos cacos do livro-mosaico, Alik Wunder e Hylio Laganá – dois professores da “nova geração”, no campo do ensino de Ciências – propõem um diálogo com o leitor. A partir da experiência realizada em uma oficina pedagógica, os autores nos brindam com o relato “Dialogando sobre fotografia e ensino de Ciências”. Quatro imagens e muitas palavras misturam-se e, sobrepostas, permitem-nos enveredar por um mundo de imaginação, por uma multiplicidade de possibilidades para utilizar a fotografia nas aulas de Ciências e produzir conhecimento. Alik e Hylio inspiram-se nos dizeres de Marilena Chauí e compõem a seguinte epígrafe para abrir uma seção do artigo: “O olhar é ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si” (p. 145). Esse é um dos momentos ricos do texto, pois possibilita-nos a reflexão, o nosso fazer pedagógico,

a identidade, o que está por vir na sala de aula, ou seja, a fotografia nos desestabiliza, vira espelho e nos incita a acreditar que um outro ensino de Ciências também é possível, marcado de sensibilidade, de afeto, de experiências de vida.

Como professor de Ciências e Biologia, de Prática de Ensino dessas mesmas disciplinas e de cursos de extensão de formação continuada, em diferentes contextos, atuando na Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia, é que me inspiro e utilizo a metáfora do mosaico. Diferentes formas, tamanhos, cores, texturas desenharam e constroem um mosaico. Assim também é a constituição da presente obra. A diferença marca o texto: seja no tamanho, na maneira de escrever, nas inspirações teóricas, nas fontes utilizadas – todos são cacos, pedaços de escritas que compõem esse livro que recomendo, pois ele, ratifico, possibilita-nos acreditar que um outro ensino de Ciências é possível.